

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE
ARQUITETURA E URBANISMO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E
URBANISMO**

Seminário 5 - Sujeito e história: classe, gênero e raça

**A família branca do homem - O discurso colonial e a
reinvenção do patriarcado**

**In: Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no
embate colonial**

Anne McClintock

**AUH 5867- História da Arquitetura e da Cidade:
Teoria e Método.**

Sofia Villela Borges e Giancarlo Latorraca

São Paulo 2020

Apresentação da autora



Anne McClintock, nascida em 1954 em Harare, capital do Zimbábue. Ainda criança vai para a África do Sul, onde começa seus estudos universitários na *University of Cape Town*, lá se formou em Inglês depois, vai para Inglaterra e faz um mestrado em linguística pela *University of Cambridge*. Na *Columbia University* McClintock completa seu Ph.D em literatura inglesa e passa para o corpo docente *Gender and Cultural Studies*. Em Columbia ela ensina tanto no departamento de Língua Inglesa quanto no *Institute of African Studies*. Ela também ensinou na *New York University* e na *University of Wisconsin-Madison*, nessa última ela ocupou a cadeira Simone de Beauvoir por mais de uma década.

Além de ter sido professora em grandes universidades americanas, escreveu para diversos jornais como *The New York Times*, *The Guardian* e *The Nation*. McClintock também vários prêmios como as bolsas de estudos da MacArthur-SSRC, Columbia Human Rights, Feminist Scholars Fellowship, Woodrow Wilson e diversas residências artísticas.

Sua obra é interdisciplinar e inclui trabalhos acadêmicos e artísticos. Anne McClintock escreveu sobre: raça, gênero, colonialismo, loucura, violência, sexualidade, teoria queer, trabalho sexual, fotografia, cultura visual e contemporânea. A principal obra, cujo capítulo que será discutido foi retirado, é *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*, em que mistura grande parte dos temas citados acima. Também escreveu biografias curtas de Olive Schreiner e Simone Beauvoir. Co-editou *Dangerous Liaisons: Gender, Nation and Postcolonial Perspectives*, entre outros. A autora continua produzindo e tem uma série de obras em progresso.

Seu trabalho foi já traduzido para 13 línguas, entre elas, francês espanhol português sueco japonês e mandarim

- ressaltar seu amplo estudo em literatura! aparece na leitura do texto e análise de as minas do rei Salomão
- Ainda na África do sul se envolveu com o movimento *anti-apartheid*
- Podemos falar sobre a vivência dela no espaço colonial para costurar com seu próprio discurso

Diferente de muitos territórios africanos, o Zimbábue obteve a independência do império Britânico tardiamente, em 1980. Interessante pensar que a autora nasceu em um país que estava legalmente subordinado a um império.

Uma afirmação central de *Couro imperial* é que imperialismo não é uma coisa que aconteceu em outro lugar – um fato desagradável da nossa história exterior à identidade ocidental. Ao contrário, o imperialismo e a invenção da raça foram aspectos fundamentais da modernidade industrial ocidental (p. 20).

Na introdução ao livro *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial* também faz uma crítica à abordagem definida pelo termo “pós-colonialismo”:

“A cena pós-colonial acontece numa suspensão da história, como se os eventos históricos definitivos fossem anteriores ao nosso tempo e não estivessem acontecendo agora” (pág. 30).

Apresentação do texto

O texto é o sexto capítulo do livro *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*, chamado “A família branca do homem: O discurso colonial e a reinvenção do patriarcado”.

- Livro dividido em três partes (sexto capítulo está na segunda)

O livro foi primeiramente publicado em 1995 na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas chega Brasil pelo Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, em colaboração com a Editora da Unicamp em 2010. O núcleo Pagu foi fundado em 1993, é vinculado a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e foi criado por pesquisadoras de diversos campos disciplinares que dialogavam com as teorias feministas e de gênero sendo assim a interdisciplinaridade marca importante do Pagu.

Tema/Problema do texto

Discute, através da obra *As minas do rei Salomão*, de Henry Rider Haggard, 1885, as relações entre raça, classe e gênero e a relação dessas três categorias com a dominação colonial na África do Sul. A autora se propõe a olhar para a intersecção entre o tripé (raça/classe/gênero) e pensar as complexidades, contradições e conflitos que ele assume dentro da lógica imperial.

O Principal problema trabalhado pela autora é pensar o reordenamento da sexualidade e do trabalho das mulheres em relação à dominação imperial do capital mercantil.

Na introdução do livro, cujo texto está inserido, em *raça, dinheiro e sexualidade* (p.15), a autora discorre inicialmente a partir da análise de representação simbólica do mapa do tesouro que consta nas páginas iniciais de *A Minas do rei Salomão*, onde define sua abordagem temática:

[...] o mapa de Haggard junta em miniatura três dos temas dominantes do imperialismo ocidental: a transmissão do poder masculino branco através do controle das mulheres colonizadas; o surgimento de uma nova ordem global de conhecimento cultural; e o comando imperial do capital mercantil - três dos temas que circulam neste livro.” (p.15)

Ela considera desde então, uma aproximação plural de aporte interseccional entre *gênero, raça e classe* (p.19), mirando a não hierarquização das opressões no tempo e no espaço de análise. Sua crítica ao imperialismo perpassa pela leitura da invenção da raça vinculada ao surgimento da modernidade industrial, do culto à domesticidade como “elemento tanto ao mercado industrial quanto da empresa imperial.” (p.20); e pelas distintas dinâmicas de gênero entre colonizadores e colonizados. Cita Joan Scott, lembrando que a história não é simplesmente

[...] sobre coisas q aconteceram às mulheres e aos homens e como eles e elas se relacionaram a essas coisas; em lugar disso, diz respeito a como os significados subjetivos e coletivos de mulheres e homens, enquanto categorias de identidade foram construídos.” (Apud p.38).

Destaca que, trata-se de estudar, não simplesmente as relações entre homens e mulheres, negros e brancos, mas sim “sobre como as categorias de brancura e negritude, masculinidade e feminilidade, trabalho e classe passaram a existir historicamente desde o início.” (p.39)

Não buscamos esmiuçar detalhadamente essa introdução inicial do livro, entretanto, destacamos aí a crítica estabelecida por McClintock frente à definição do conceito pós-colonialismo, como uma chave para ampliarmos a compreensão do texto nesta inserção. Segundo ela, um problema principal nesta conceituação estaria no estabelecimento linear e temporal que pressupõe uma condição de **pré** existência (fora da história, anterior ao processo de colonização), uma que representa a inserção de uma cultura ao status de **colônia** e outra que presume seu fim, indevidamente atribuído, o **pós** colonial. Esse raciocínio, de certo modo apoiado a um eixo evolutivo-positivista, segundo McClintock, supõe um falso universalismo e, sobretudo, desconsidera as mais variadas formas de continuidade dos processos de dominação colonial fora desse recorte, manifestos através de poderes econômicos e outras formas “mais ocultas”.

Para a autora, a “categoria singular ‘pós-colonial’ pode prontamente autorizar uma tendência panóptica a ver o globo através de abstrações genéricas destituídas de nuance política” (p.31). As histórias não se uniformizam nesse recorte monolítico, diríamos que, como brasileiros por exemplo, não somos pós-coloniais, não temos este passado equalizado de forma comum e igualitária entre os demais países da América do Sul. Pós-colonial seria mais um reconhecimento do hibridismo cultural com atenção voltada às distintas culturas pré-existentes, marcadoras do processo de fusão em ambos os lados, ainda sob o ponto de vista do colonizador.

A autora deixa claro a motivação da sua obra:

[...] a narrativa revela que a regeneração da Grã-Bretanha na era vitoriana tardia dependia do reordenamento do trabalho, nesse caso, a tentativa de reconstrução da

nação zulu através do controle da força reprodutiva e de trabalho das mulheres (p. 352,353).

Na segunda parte do livro, pesquiso como as colônias - em particular a África - se tornaram o teatro para a exibição, entre outras coisas, do culto da domesticidade e da reinvenção do patriarcado. Nessa parte, exploro alguns temas decisivos do discurso colonial: a feminização da terra, o mito das terras vazias, a crise das origens, o colonialismo doméstico, a saga do sabão e o surgimento do fetichismo da mercadoria, o reordenamento da terra e do trabalho, a invenção da ideia da preguiça racial - bem como o complexo das várias formas de resistência a esses processos. Ao explorar os intrincados filamentos entre imperialismo, domesticidade e dinheiro, sugiro que o *marketing* de massas do império como sistema global estava casado com a reinvenção ocidental da domesticidade, de tal forma que o imperialismo não pode ser entendido sem uma teoria de espaço doméstico e sua relação com o mercado (p.39).

As minas do rei Salomão dá forma à reinvenção do patriarcado imperial branco através da legitimação de políticas raciais e de gênero. A obra afirma um patriarca branco no controle de um rei negro subserviente, que garante a superioridade racial branca e o direito aos diamantes. Ela reorganiza a produção e a reprodução dentro da família negra, usurpando o controle do chefe sobre a vida e o trabalho das mulheres. Ao mesmo tempo, nega violentamente a força sexual e de trabalho das mulheres africanas (p.375,376).

Objetivo do texto

Há dois aspectos iniciais a se considerar para a compreensão da análise proposta pela autora no texto em questão. Um, a escolha de uma novela amplamente lida e distribuída, à época da Inglaterra Vitoriana, apreendendo seu papel de difusão de valores descritos pela mentalidade da nobreza inglesa decadente, frente ao desenvolvimento da indústria. Outro, como desdobramento, é o estudo biográfico do autor Henry Rider Haggard, como estratégia de alteração das escalas de observação, restituindo com maior pluralidade o passado. Nobre deserdado e renascido no seio da terra colonizada, sua experiência permitiu inclusões de fatos reais na obra ficcional. Segundo a autora, que em sua análise considera os jogos de escala nas conexões entre o singular e o coletivo:

As Minas do rei Salomão concebe a reinvenção do patriarcado imperial branco através de uma poética racial e de gênero legitimadora. [...] Mas esse campeão de vendas vitoriano poderia ficar simplesmente como uma excentricidade ficcional, se não fosse pelo fato de que é sintomático de tendências fundamentais que surgiram na cultura de conquista da época (p.363).

Trabalha conceitualmente os marcadores sociais dentro da compreensão de interação, não restringindo a abordagem ao estudo a partir da experiência e da consciência de um só lado. Como no exemplo destacado pela autora, especificamente no caso dos negros zulus (p.365,p.369) em que deixa explícita a necessária busca em estabelecer contrapontos relativos à racialização característica da agenda imperial do século XIX, localizando suas expressões de resistência em oposição ao colonizador opressor, e delineando manifestações de branquitude como problema de investigação. Ou seja, extrapola também a discussão sobre raça para além da esfera dos negros, incorporando em contraponto, questionamentos sobre a hegemonia das ações dos brancos.

McClintock considera da mesma forma, classe, gênero e raça como marcadores sociais potentes às análises e elucidações históricas, como conceitos moveis no espaço e no tempo, à serviço da compreensão dos lugares sociais e das lutas, como ideias de construção social e cultural atuantes nos jogos de controle e subordinação e no estabelecimento das hierarquias de poder.

Que visão de história a autora defende?

-Critica aos conceitos de progresso histórico linear, aos conceitos universalizantes ou maniqueístas ou monolíticos (olha também para as resistências, contestações, contradições, complexidades...)

-Considera gênero, raça e classe como categorias de identidade construídas e mais, constantemente reconstruídas.

-Estabelece a relação do sujeito individual com a sociedade como uma relação complexa. McClintock compartilha com Joan Scott¹ a visão de que **reciprocidade contínua** entre a natureza do gênero (como família, sexualidade e fantasia) e das estruturas sociais (como a política e a economia). Chamam a atenção para o fato de serem **relações constantemente reinventadas**.

Trecho de Natalie Davis retirado do texto da Joan Scott:

Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la." (apud SCOTT, 1995, p.72).

-Realiza uma leitura interseccional sobre a relação entre raça classe e gênero, entretanto focaliza para o gênero como o campo primordial onde esses conflitos iram acontecer.

-Estabelece diálogo com diversas disciplinas como literatura, história e psicanálise. McClintock trabalha a obra literária, novamente com natureza de reciprocidade entre obra individual de um autor específico com poder de espelhar e interagir com a realidade do seu tempo. Ela passa pela vida do autor, sua família, sua posição na sociedade Inglesa e pela conjuntura da Grã-Bretanha em seu período de vida. A autora flutua entre uma abordagem psicanalítica e histórica para olhar as complexidades da obra.

-Promove em sua análise o jogo de escala entre uma história biográfica, individual de Haggard e outra da história política e econômica da Grã-Bretanha.

-Trabalha com diversas fontes:

[...] Os gêneros que elegi são diversos – fotografias, diários, etnografias, novelas de aventuras, histórias orais, poesias declamadas e uma miríade de formas de cultura nacional. [...] o sucesso de vendas das fantasias imperiais de Rider Haggard; as

¹ inclusive, McClintock cita Joan Scott na introdução de *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*

exposições e fotografias imperiais; os anúncios de sabão; os escritos políticos e as novelas da feminista Olive Schreiner; a narrativa de uma sul-africana “Poppie Nongena”; a política cultural negra na África do Sul depois do levante de Soweto; os escritos de Frantz Fanon; e as vozes variadas e conflitantes de *afrikaners* e nacionalistas africanos na África do Sul (p.40).

-Pensa a história a partir da análise de gênero com um forte compromisso de mudança: “... acredito que é na encruzilhada das contradições que as estratégias de mudança podem ser encontradas” (p.36).

-Crítica de Joan Scott, faz a algumas frentes de estudos feministas que fecham a possibilidade de mudança.

Argumentos principais

As minas do rei Salomão - é uma obra literária de Henry Rider Haggard, publicado originalmente em 1885, no período tardio da Era Vitoriana (1838-1901). McClintock justifica a relevância de olhar para essa obra, dada sua representatividade sobre a mentalidade imperial e de conquista, inclusive por meio de sua larga difusão e acolhida pelo público leitor à época. A autora segue o enredo para, através da obra, entender processos do período colonial. Para além disso, ela olha para a vida do próprio autor, a repercussão e influências que a obra obteve em construir e legitimar o discurso que defendia.

O texto é estruturado em partes que passam pela decadência que o sistema patriarcal sofre na sede do império, na esperança que esse sistema encontra nas colônias e os discursos e estratégias que vão legitimar e possibilitar essa retomada do poder branco e patriarcal às custas das colônias, principalmente das mulheres negras.

McClintock então, começa com crise da ordem familiar patriarcal na sede do império, justificada pela presença cada vez mais forte da trabalhadora doméstica dentro da família. Essa nova presença colocaria uma forte contradição entre o ideal feminino do ócio, da delicadeza, da fragilidade, com a realidade do trabalho manual feminino. A autora usa da própria biografia de Haggard, usando de exemplos da vida íntima do novelista, para ilustrar essa crise.

Em meio às mudanças na Grã-Bretanha que se industrializava, a crise da terra e a queda da pequena nobreza, crescia um o número de “homens supérfluos”, como Hannah Arendt vai chamá-los. Essas pessoas (homens e mulheres) de diferentes classes que não achavam seu lugar no seio do Império eram vistos como uma doença contagiosa no corpo nacional. Imagem essa típica da degeneração.

O espaço das colônias foi uma solução para despachar parte dessa população. Haggard fazia parte desse grupo, como o filho mais novo de uma família nobre decadente, viu nas colônias uma chance de se salvar da degeneração que parecia o aguardar.

Como foi o caso de Haggard e de outros colonos, ao chegar na “terra prometida” ele imediatamente acende como membro da elite branca. A colônia se mostra como uma última

esperança para restaurar a ordem da família patriarcal, assim a reinvenção do patriarcado ganha uma força fundamental.

McClintock trabalha o processo de legitimação da dominação imperial e masculina e sua construção na obra a partir de várias metáforas criadas por Haggard.

Uma delas é o que ela chama de: *feminização das “terras vazias”*. Ao mesmo tempo a jornada, tanto da narrativa fictícia quanto a jornada colonial “é figurada como uma jornada para frente no espaço, mas para trás no tempo” (p.354,355). Ou seja, à medida que se descobrem² novos territórios, os colonos se veem regredindo em um espaço degenerado e atrasado. Para representar esse espaço anacrônico em seu romance Haggard, sintomaticamente, o relaciona com o feminino, que para ele seria um “estado infantil de impotência pré-verbal” (p.355).

Segundo uma crença popular da época, baseada em pseudociências raciais, a os povos egípcios, berço da humanidade, não eram africanos, mas sim um povo branco. Essa crença reforça o sentido de herança que o império colocava sobre as colônias. Os homens brancos teriam o direito, herdado em um sistema branco e patriarcal, sobre as terras africanas e suas riquezas.

Na estória de Haggard o que teria degenerado o povo original que habitava as terras africanas teria sido exatamente as mulheres: “a interferência feminina na sucessão da herança masculina mergulhara a terra no caos” (p. 359).

A imagem da mulher negra e colonial como a maior ameaça ao Império é recorrente. No romance é principalmente representada por Gagool. Toda a construção da personagem, trejeitos, aparência física e destino na narrativa são explorados por McClintock para discutir a dominação da mulher colonial.

Ao mesmo tempo, a força de trabalho das mulheres era a grande esperança regeneradora da Grã-Bretanha, pois era proveniente dela boa parte da riqueza gerada nas colônias. McClintock aponta como a própria possibilidade da manutenção da existência imperial na colônia passava pelo trabalho feminino e conhecimento das mulheres sobre a terra, argumento que a autora vai trabalhar mais a fundo na frente do texto.

Assim, com essa forte contradição dentro do império, o esforço para desumanizar a figura da mulher colonial ganha uma força *paranoica* e *patológica* (usando aqui termos da autora).

Uma das formas de negar a força reprodutiva e de trabalho da mulher e justificar os sacrifícios das mesmas em nome da continuidade da casa masculina é criada a partir da fantasia do nascimento masculino (independente da participação feminina). Essa imagem é evocada em *As minas do rei Salomão*.

Anne McClintock lembra que a questão da dominação do trabalho feminino não era exclusiva dos homens brancos, mas sim uma disputa entre homens negros e colonos. Enquanto a Grã-Bretanha vivia uma crise do poder da coroa, as colônias passavam por uma reinvenção da legitimação monárquica. Essa ideologia anacrônica inventaria dois

² Anne McClintock aponta para a importância do “descobrimento” ou “conquista” no discurso imperialista. (p.356,357)

papéis para o homem branco e negro, os de “pai” e “rei”, respectivamente. Dentro dessa hierarquia era organizada no sentido de que:

[...] ideologia de paternidade divina como predeterminada e natural, fonte fundadora de toda a autoridade. O rei negro, por outro lado, era sua reprodução simbólica, mortal, investido de autoridade apenas em virtude de sua mímica do poder originário do pai (p.368).

A reinvenção da ociosidade como marca dos povos negros e das mulheres foi outro passo importante na construção na narrativa de legitimação imperial. Esse foi um dos estigmas mais repetidos pelos colonos, e não está de fora de *As minas do rei Salomão*. No entanto, esse discurso não foi propriamente inventado nesse período. McClintock nos lembra que esse já era um discurso constantemente reavido pelos Ingleses por 300 anos para associar à pobreza, indolência e feminilidade.

A ociosidade é retomada nas colônias como forma de deslegitimação da forma de trabalho tradicionais e também aponta a resistência negra a resignar-se a trabalhar para/da mesma forma que os colonos.

Os africanos ainda gozavam de alguma autossuficiência e eram, no geral, fazendeiros melhores que os intrusos brancos. Como observa Slater, ‘muitos brancos de fato passaram a depender dos produtos agrícolas africanos até para sua subsistência’. O destino dos colonos era constantemente ameaçado pela autossuficiência dos fazendeiros negros (p. 370,371).

Segundo a autora, o que permitia aos homens negros essa autonomia em relação ao sistema colonial era o poder sobre o trabalho das mulheres. Tal domínio era assegurado pelo sistema de poligamia e escravidão feminina.

A divisão de trabalho por gênero prevalecia. As mulheres realizavam a maior parte do trabalho agrícola e doméstico, que era transformado em poder político e social masculino por meio do casamento poligâmico. Importante ressaltar que McClintock argumenta que a questão de gênero seria mais fundante na clivagem social nesse momento.

Como tentativa de controle do mercado e trabalho nas colônias, a poligamia foi sistematicamente atacada pelos discursos e legislações imperiais, já que tirar o controle do trabalho das mulheres dos homens nativos seria cortar diretamente seu poder. A autora ressalta que “não havia objeção a explorar o casamento e o trabalho das mulheres enquanto transação comercial, desde que os brancos, e não negros, se beneficiassem disso” (p. 374,375).

Dessa maneira, *As minas do rei Salomão* dá forma à reinvenção do patriarcado imperial branco através da legitimação de políticas raciais e de gênero. A obra afirma um patriarca branco no controle de um rei negro subserviente, que garante a superioridade racial branca e o direito aos diamantes. Ela reorganiza a produção e reprodução dentro da família negra, usurpando o controle do chefe sobre a vida e o trabalho das mulheres. Ao mesmo tempo, nega violentamente a força sexual e de trabalho das mulheres africanas (p.375-376).

Anne McClintock argumenta que a fama que o romance ganha e a obsessão vitoriana geral com a fantasia da descoberta ao tesouro e mapas secretos é sintoma do que ela chama de

[...] fetichismo da mercadoria – a negação da origem do dinheiro no trabalho. A descoberta do tesouro implica que o ouro e diamante estão ali simplesmente para serem encontrados, negando, assim, o trabalho de escavação da terra e o contestado direito de propriedade (p.376).

Ao fim do texto, McClintock afirma que a “regeneração da Família do Homem” é completa, tanto no romance quanto no âmbito imperial. Os personagens percorrem uma longa jornada com diversas metáforas da saga imperial, matam a mãe/macaca/bruxa, dominam o rei negro e descobrem um grande tesouro. Haggard de fato participa da exploração colonial e consegue “(pela fantástica recepção britânica à sua história de regeneração fálica e racial)” (p.376), riqueza suficiente para comprar as terras as quais havia deserdado na Grã-Bretanha. O império tem poder sobre as riquezas, o povo e o discurso ideológico sobre a África.

BIBLIOGRAFIA

McCLINTOCK, Anne. *A família branca do homem* - O discurso colonial e a reinvenção do patriarcado. In: *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 341-376.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre, jul./dez. 1995, p. 71-99.

Links de acesso sobre autora e publicação:

Imagem: <https://www.linfield.edu/linfield-news/anne-mcclintock-to-give-2018-ericksen-lecture/>

<https://dept.english.wisc.edu/amcclintock/about.htm>

<http://gss.princeton.edu/anne-mcclintock>

<https://scholar.princeton.edu/cfi/people/anne-mcclintock>

<https://www.pagu.unicamp.br/pt-br/content/genero-feminismos-0>

<https://www.pagu.unicamp.br/pt-br/o-pagu>